

OS PORTUGUESES E O TEMPO

di Dalila Lello

Devir e eternidade

Opostamente à declaração da irreversibilidade do tempo, como verdade detida por Héraclito de Éfeso no séc. 500 a.C. e por Newton em Inglaterra no séc. XVII, ambos tomando como modelo terrestre os rios, que sempre correm desde seu começo até seu fim, os portugueses, embora sua grande consciência do tempo histórico, especificamente demonstrada na sua acção universal da Descoberta – tomaram, opostamente ao filósofo pré-socrático e ao físico inglês o do “Tempo absoluto”, a reversibilidade do tempo, como verdade suprema. Na sua ontologia e escatologia pela possibilidade de, como tempo sagrado de rito, perseverar, ou reassumir, sua essência perfeita, primordial: como instante único da eternidade, antes da Queda no tempo terrestre.

Em Portugal, terra de poetas e profetas (e já desde longínquo passado), detendo grande intimidade e conhecimento com o tempo, eles souberam ver e viver, ousaremos supor, o tempo livre do tempo, no seu modo próprio paradoxal de conhecer: nele então exercendo a perfeita palinódia.

Tal Camões no séc. XVI à beira dos rios do exílio, correndo sem cessar, realiza então a sua reversibilidade: “Sôbolos rios que vão/ Por Babylonia me achei/ onde sentado chorei/ As lembranças de Sião/ (...) Ali lembranças contentes/ Na alma se representaram;/ E minhas cousas/ Ausentes/ Se fizeram tão presentes/ Como se nunca passaram (...) E as águas que iam descendo,/ Tornavam logo a subir;”, *Redondilhas*.

Eis um perfeito rito, em tempo primordial.

Aqui nos permitiremos um breve parêntese: perguntemo-nos, que rumo teria tomado uma meditação de Henry Bergson, o filósofo da *Duração e Simultaneidade*, ao conhecer as *Redondilhas* de Camões, a iconografia, que passaremos a indicar dos santuários do Côa e Douro e sobretudo a saudade galaico-portuguesa? Em que medida abissal teriam levado ainda o filósofo do tempo?

Côa, Douro

Então agora recuemos à pré-história dos portugueses, inscrita nos santuários bordejando esses rios do Norte do seu País, e estendendo-se ao longo de 20 quilómetros; datando desde o Paleolítico superior (20.000-10.000 a.C.) continuando-se no Neolítico; e depois na proto-história, pelo Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro, até à Idade Moderna: assim, através do paganismo e cristianismo. Vemos que todos esses povos de diferentes etnias e mitologias, possuíram, sem solução de continuidade, uma mesma concepção do tempo. Demonstrando-a visivelmente pelas suas gravuras desses santuários.

Santuários, no seu conjunto, agora desde 1997 classificados como Património da Humanidade. E que, através de milénios e desses diversos povos, sucessivamente neles cultuando, teriam, unanimemente tomado como referência, opostamente à ideia do tempo irreversível, o tempo reversível, concentrado nesse instante sagrado da eternidade. A uma certa dinâmica linear, outra se substituindo.

Ritos totémicos no Paleolítico, guerreiro-xamânicos na Idade do Ferro, católicos na Idade Moderna cultuando Calvários e Hóstias, segundo a sua iconografia, até justamente 1953, a última iconografia gravada. Ritos se criando através da História, mas livres de seu devir e cronologia. Seria esta marca trans-histórica, que criou e condicionou toda a simbólica, filosofia, escatologia, ontologia e teologia subjacente à iconografia pontuando esses santuários, tão preciosa.

Acervo único da arte religiosa dos portugueses, na sua mais remota manifestação, como palimpsesto, perdurando na História, mas ultrapassando-a.

Agora perguntemo-nos, pois será sobre o mais importante: como nestes santuários, na sua iconografia, se demonstra ainda hoje para nós, essa verdade detida por nossos remotos antepassados e nossos contemporâneos do séc. XX? Pelo real facto da sobreposição de duas imagens de dois ritos diversos, realizados à distância de milhares de anos. Esplicitamente por este facto e ainda persistindo nos nossos dias em memória visível.

Pensamos que só um motivo transcendente, fundamentalmente de natureza ontológica e religiosa, poderia cabalmente justificar a razão para que esses artistas-sacerdotes, autores das segundas imagens, sobrepostas às anteriores, não as gravassem nos espaços ainda livres que havia nessas lages; mas justamente sobre as anteriores de

há milénios: como se os dois ritos fossem realmente oferecidos no mesmo e único instante sagrado da eternidade: uma crença justificando este facto, para nós profanos, absurdo.

Assim, na Idade do Ferro, em Foz Côa, um guerreiro empunhando um dardo, surge sobreposto a um cavalo do Paleolítico. E António Seixas, em 1953, no vale do Douro, gravou sua imagem patriótica em louvor da luta de D. Afonso Henriques, o Fundador, contra o rei de Castela, pela Independência de Portugal nascente: imagem sobreposta a um auroque do Paleolítico, extinto há milhares de anos na região.

Seria esta referência, simultaneamente fazendo-se na História e na Eternidade, a que está impressa na iconografia destes santuários.

Tão longamente desconhecidos comumente por nós e agora dados a conhecer universalmente. Trazendo-nos uma vivência do sagrado de outrora, da pré, proto-história e história, junto das águas correntes do Côa e Douro; e que podemos pôr a par da vivência de Camões junto das águas dos rios da Babilónia no séc. XVI; e daquela de António Seixas no séc. XX, ainda junto dos rios durienses: sempre nesse instante único de liberdade, da eternidade, em rito perfeito.

Fora do tempo terreno, toda sua imperfeição e dor, mas necessário de viver, para cumprir o serviço pedido ao homem sobre a terra.

Vivência do sagrado, o homem sublimando o tempo, sublima-se a si próprio, atingindo essa liberdade celeste, *hic et nunc*.

Estes santuários foram criados pelo alto, assim se apresentando e se propondo aos homens e por eles aceites. Desde então neles rendendo culto a deuses diversos, como avatares dum só divino: e finalmente a Deus.

Então, como ousamos hoje sobre estes antigos espaços altamente sacralizados, separados heterogeneamente do profano, projectar nosso pensamento e seus modelos, altamente dessacralizados? No ideal de livres pensadores de herança retrógrada e cediça, iluminista e positivista do séc. XVIII e XIX, que connosco arrastamos, como peso morto, agindo como tóxico. Mas que antes devia ser pensamento de perfeita contemporaneidade, afundando suas raízes na tradição portuguesa e visando o futuro a construir.

Nem aequer, profanisemos essas imagens rituais, olhando-as univocamente sob o ponto de vista, humano, demasiadamente humano, da estética, quando elas foram criadas e usadas na sua força altamente pragmática de acção mágico-religiosa.

Se agora considerarmos a *Primeira Carta da Trans-disciplinaridade*, como projecto de renovação e construção de Novo Milénio, na sua cultura e civilização, redigida em 6 de Novembro de 1996 na Arrábida, pelo escol instituído por: Lima de Freitas, Edgar Morin e Besarab Nicolesco, entre seus Artigos, atentemos no N.º 2, que declara a existência de diversos níveis de realidade, a serem regidos por diferentes lógicas. Lembremos então que foi o sagrado, como outro nível de realidade, que não o profano, o que impregnou e justificou estes santuários, em toda sua singularidade e complexidade; e que assim necessita de outra lógica, como nível diferente daquele do profano quotidiano de todos os dias.

Era o sagrado que nesses santuários chamava os homens. O facto é que esses homens arcaicos e seus descendentes nessas margens, todos altamente sábios cada um como “homo religiosus”, o que pretendiam ao entrar nesses santuários era a fuga do quotidiano e a usufruição da liberdade do tempo sagrado; ou por outras palavras: a regeneração do tempo na eternidade e sua liberdade. Tal como foi anunciado pelo Anjo de S. João, o alvissarreiro, da fronteira, da saudade: “e não haverá mais tempo”.

A saudade galaico-portuguesa

“De esperança em esperança E de desejo em desejo”

Assim e ainda Camões nas *Redondilhas* pela saudade, aboliu também o tempo.

E se agora e ainda, lembrarmos là ao longe, a concepção desses nossos antepassados do Côa e Douro, perante o tempo e seu devir, manifestando-se nas suas iconografias; e se alargarmos nossa vista até ao horizonte da cultura galaico-portuguesa, justamente a desta ponta atlântica do Noroeste ibérico, essa liberdade perante o tempo se manifesta, e muito singularmente, na saudade.

Semelhantemente, a saudade se cria na história, atingindo a trans-história, pelo seu ultrapassadamente, - o que nos surgirá como uma das marcas ou facetas da sabedoria portuguesa.

A Descoberta, não se fez poderosamente na história e também não a ultrapassou?

A saudade, como criação fundamental do ser e estar desta cultura, moldando seus homens na sua alma e acção – suas raízes serão tão fundas que, perguntemo-nos, se já surgirão e agirão antes da história?

Nunca será por demais, repetimos, lembrar a grande singularidade desta cultura. Na pré-história, no neolítico, ela se marcará pela civilização dolménica. Na Idade Média, pela arquitectura românica, nas igrejas e sua imagética e ainda, como manifestação, diremos sagrada, na poesia trovadoresca. Entre desejo e lembrança, na saudade, e abolição do tempo e espaço, os amantes realizam a união.

Criação pela misteriosa identidade deste povo atlântico extremo, aqui chegado no seu longo percurso de vida e aqui parando por fim à beira do abismo cavado a seus pés, o do Mar Tenebroso, treva e infinito.

Povo que aprendeu a sabedoria suprema de se libertar do tempo terreno, conhecendo-o na sua essência prístina perfeita.

Tal o oleiro no seu trabalho tradicional, moldando seu vaso, e vendo-o na sua primeira perfeição, concebida na predestinação: como em renovada criação sua.

Haverá também na saudade, a procura nostálgica, perene do paraíso, própria dos portugueses, tal como no messianismo e suas formas diversas: sebastianismo, Quinto Império... como regresso à perfeição do homem primordial, antes do tempo, sua transitoriedade e irreversibilidade.

Tudo assim se cumprindo finalmente, na nostalgia dos portugueses e galaicos, “sub species aeternitates”: vivendo à beira do abismo aberto de morte e sombra.

Nunca será por demais lembrar a situação de aporia deste povo atlântico extremo, de irreversibilidade de tempo e espaço, - fixando-o e expandindo-o. Será nesta aporia que tudo se dará e anunciará.

E talvez não seja fantasioso, e como tal, arbitrário, vermos integrado num mesmo processo inseparável histórico-mítico, a saudade, a sublimação do tempo, e por parte dos portugueses, a Descoberta.

Fixação à terra e ânsia de lhe fugir; perene, infinita saudade da terra sempre a haver.

Sublimação do tempo e espaço. Pela Descoberta, estar simultaneamente sobre todos os espaços da terra e sob todos os espaços do céu.

A terra surgindo sublimada como cosmos; e Portugal como Nação cosmicizada da terra. Pela lembrança e desejo da saudade, sempre aspirando a nova descoberta, terrena ou extraterrena.

E os portugueses como o povo de heróis e de saudosos.



Sesto San Giovanni (MI)
via Monfalcone, 17/19

© Metábasis.it, rivista semestrale di filosofia e comunicazione.
Autorizzazione del Tribunale di Varese n. 893 del 23/02/2006.
ISSN 1828-1567



Esta obra está publicada bajo una Atribución-No Comercial-Sin Derivadas 2.5 Italia de Creative Commons. Para ver una copia de esta licencia, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/it/>.